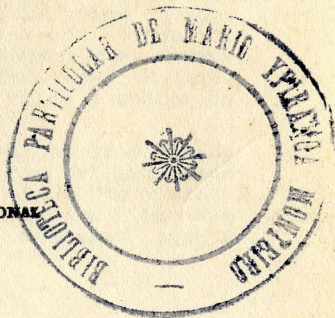
CÂMARA DOS DEPUTADOS

BERNARDO CABRAL
Deputado Federal

O DRAMA UNIVERSAL DO ANO DOIS MIL

Discurso proferido no Grande Expediente, na Sessão Ordinária de 29 de maio de 1968.

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL
Brasília — 1968

O SR. BERNARDO CABRAL:

(Sem revisão do orador) — Sr. Presidente e Srs. Deputados. cheguei a esta Casa, onde pontificam as mais luminosas inteligências desta Nação e de onde se espraiam as notícias em derredor da sua atuação, com a ardente aspiração de quem quer servir ao País no geral e em particular ao Amazonas, tornando-me merecedor da abertura de crédito que o meu Estado me confiou ao me outorgar o mandato eletivo.

Sei, por isso, Sr. Presidente, que talvez fôsse melhor, no instante em que muitos se preocupam no varejo com as circunstâncias eleitoreiras e, no atacado, com os seus interêsses pessoais, que abordasse eu um problema de âmbito regional a fim de poder obter um pouco mais de apoio político.

Todavia, Sr. Presidente, entendo, ante os menos avisados, aquêles que recorrem exatamente à análise de que só é válida a ocupação da tribuna para tratar de assuntos tipicamente regionais, que não deve esta Casa omitir-se no trato das coisas internacionais. Ainda mais Sr. Presidente, porque sendo esta Casa eminentemente política, não pode despojar-se em nenhum instante do dever, senão do direito, de abordar os problemas que, não obstante ocorrem extra-fronteira, se interligam com os problemas brasileiros.

E' preciso que saibamos reconhecer e fiquemos definitivamente convencidos da interdependência da luta dos povos subdesenvolvidos.

E, neste passo, Sr. Presidente, ainda ontem ocupava a tribuna, na Ordem do Dia, exatamente para debater problema de ordem internacional, o nobre Deputado Raimundo Padilha, Presidente da Comissão de Relações Exteriores, de quem tantos podem discordar quanto às suas teses, mas a quem tantos, por igual, hão de reconhecer o talento e a inteligência.

Já antes, no Grande Expediente, ocupava tribuna o Padre Medeiros Netto e fazia, naquela que inegàvelmente é o púlpito da democracia, um dos seus mais belos sermões, onde não lembrava a figura do Nazareno, mas se cingia à tristeza, ao pauperismo, à fome, à doença que grassam no Nordeste.

Êsses dois fatores, Sr. Presidente, mostram a interdependência dos problemas internacionais com os nacionais, e é por isso mesmo, talvez só por isso, que ocupo a tribuna nesta tarde, quando pretendo tecer comentários a um livro de autoria do alemão Fritz Baad, sob o título "A Corrida para o Ano 2.000" onde avultam especulações da maior seriedade, onde se inserem dados estatísticos que não têm senão comprovação, no mundo de hoje.

Êle me chegou às mãos por intermédio de um homem que honra a cultura médica. Refiro-me ao Professor Ary de Castro que, estudioso dos problemas internacionais, por êsse elo de amizade fêz chegar a meu poder o trabalho de Fritz Baad.

Ora, Sr. Presidente, ao desenvolver meu raciocínio, não poderia deixar de encadeá-lo com a leitura de alguns trechos dessa obra. E' êsse festejado autor quem afirma, à página 2:

> "O caminho da humanidade para o ano 2.000 poderá ser considerado como uma corrida em que serão testadas duas formas, por assim dizer opostas, de configuração econômica e política da vida humana".

Vejam V. Exas. que se coloca, de imediato, o problema da configuração econômica e política da vida humana. Mais adiante na página 5, faz uma afirmativa que estarrecerá aquêles

que não estiverem ambientados com o problema. E' assim que, a certa altura, êle explicita:

"No último ano do século, a China terá cerca de um e meio bilhão de habitantes, o equivalente a tôda a população da terra em 1900. China e Índia, juntas, possuirão 2 bilhões e meio de habitantes, quase a atual população do mundo. Chineses, russos e demais componentes do bloco soviético constituirão a metade dos seres humanos no ano 2.000."

E mostra que a Europa Ocidental possuirá 10% apenas dessa população mundial, e os Estados Unidos 5%; que os alemães, atualmente representando 2% dos habitantes da terra, no ano 2.000, junto com a percentagem equivalente a franceses e italianos, baixarão a 1%. Mas nos dá um alento, ao fazer a interrogação:

"Iremos nos atormentar com isso, com frustrações e com complexos de inferioridade? Decididamente não."

E esclarece com o exemplo da Suíça:

"Bastará um olhar para a Suíça e já estaremos tranquilos. Os suíços são hoje 5 milhões, 0.2% da população mundial. No fim do século representarão apenas 0.1%, mas nem por isso ficarão angustiados com sentimentos de inferioridade, que não cultivam nem têm por que cultivar."

Aos final da página 6, diz Fritz Baad: ,

"Neste livro serão apresentadas verdades amargas. A mais amarga de tôdas elas é que a balança do mundo penderá para o lado do Oriente, não apenas em número de habitantes, mas em potencial econômico."

Assertiva desta ordem, Sr. Presidente, leva qualquer interessado que compulse o livro a de imediato, abeberar-se em tudo o que êle traz. E foi exatamente assim, Sr. Presidente, percorrendo o trabalho de Baad, que à página 19 encontrei êste passo:

"À primeira vista, um programa que vise triplicar a produção de alimentos até o ano 2.000 parecerá demasiado pretensioso. Poderíamos ser levados a desanimar ante a grandeza do empreendimento. O primeiro motivo de consolo será verificar que, enquanto a população mundial dobrou entre 1850 e 1950, com velocidade jamais registrada na História, a correspondente produção de produtos alimentícios não só alcançou como ultrapassou êsse crescimento. No ano de 1850, como hoje, havia em várias regiões da terra homens subnutridos. Seus antepassados, há centenas, milhares de anos, se defrontavam com o mesmo problema. Mas outros lugares havia, onde a produção de alimentos ultrapassava de muito o acréscimo da população. Não há a menor dúvida de que o nível alimentar dos europeus e norte-americanos era muito mais alto em 1850 do que 100 anos atrás."

E aqui, Sr. Presidente, chamo a atenção da Casa para êste parágrafo:

"Poderemos aceitar seguramente o fato de que nos últimos 100 anos, enquanto a população do mundo dobrou, a produção de alimentos tornou-se pelo menos duas vêzes e meia maior.

Isto mostra — salienta Baad — que o pessimismo de Robert Malthus não era justificado, quando afirmava, na passagem do Século XVIII, que os homens tinham a tendência de multiplicar-se em progressão geométrica, enquanto a produção alimentar só crescia em progressão aritmética."

Sr. Presidente, lido o tópico referente ao Século XVIII, não poderia, de logo, deixar de declarar que a civilização industrial dêsse século impôs grave defasagem entre as nações da Europa. Comunidades saltando da etapa agropastoril para a manufatureira, estimularam a formação da burguesia abusiva enquanto não ensejar, simultâneamente, o estabelecimento de um proletariado numeroso, já desperto para o clamor reivindicatório. O produto industrializado em maior escala não circulava ainda livremente, em face da modesta renda *per capita* da sociedade em transformação.

O operário, que já emergiu do fundo das épocas como colaborador amoroso da prosperidade, descreve, no

chão do mundo, eloqüente percurso, que êle mesmo molhou com o suor mal compensado. Proporcionando lucro alheio, não lhe ocorreu a idéia da participação direta na riqueza. Tampouco o proprietário sentiu o dever de dar-lhe o mínimo.

A questão social emocionou filósofos. Derramaram palavras, êsses mesmos filósofos, de ardente solidariedade. A discórdia de classes teria de ocorrer e acirrar-se, criando dificuldades desafiadoras. O processo de formação do poder político não abrangeu, via de conseqüência, a massa obreira. A sua vitória originava-se na arbitragem econômica. O trabalhador, pedreiro de uma estrutura que o esmagava, era uma fôrça afônica. A voz perdia o som, que faz o grito, e a esperança de libertação escondia-se entre as dobras da posteridade.

O Sr. Paulo Campos — Permite V. Exa.? No momento em que V. Exª faz pronunciamento de tamanha importância, que enfoca não só o futuro, mas, sobretudo, a grave crise mundial do presente, desejo fazer esta intervenção, eis que o pronunciamento de V. Exª nos desperta a reflexão de que, na verdade, o mundo atual está instrumentado para dar melhores condições de vida à população do globo terrestre. Veja bem, ilustre Deputado Bernardo Cabral: o mundo está instrumentado pelo têrço desenvolvido — eis que dois terços são subdesenvolvidos, vale dizer, são famintos. O têrço desenvolvido, que detém os podêres da tecnologia, realmente tem consigo todos os meios para promover o desenvolvimento do resto da humanidade, que ainda não alcançou êste estágio de civilização. Mas, quando V. Exª fala em lucro e em solidariedade, na verdade V. Exª coloca os dois têrmos da solução do problema. De um lado, lucro é o problema, porque importa que a economia evolua de tal maneira que se reformule o conceito de valor econômico, para que o lucro deixe de ser o impulso natural a que a atividade econômica possa buscar, e um outro valor possa ser pôsto em prática, dentro da vida dos povos. Êste valor é o da solidariedade, palavra, que há pouco V. Exª mencionou.

Como iniciar-se essa transformação que é profunda? Através do Estado. O Estado existe para promover o bem geral da comunidade. E não pode prosseguir o Estado desenvolvido aliado ao poder econômico, a ponto de chamar-se hoje complexo industrial-militar. O Estado rico, moderno, precisa com urgência partir para uma nova tomada de posição diante do Estado pobre atual, que está conscientizado de que os Estados ricos possuem os meios capazes de levá-los ao seu desenvolvimento. Neste ponto parece-me estar a questão fundamental para a qual hão de evoluir necessàriamente as nações do mundo, mesmo para que tenham condições de prosseguir sobrevivendo, porque o problema das outras é de vivência. Por conseguinte, vemos neste quadro as raízes profundas da crise atual, em que a mocidade moderna, a mocidade da França e de todos os países do mundo, protesta veementemente contra as presentes estruturas. E' por isso mesmo, porque os moços vêm que êles são, como universitários, os construtores desta civilização, e êles se recusam a prosseguir como instrumentos de uma se se expande, não para a vida e sim para a morte. A ciência existe para promover a expansão geral da vida. Aí está nossa razão profunda da crise atual, e o discurso de Vossa Excelência e a obra em que Vossa Excelência o fundamenta enfocam por certo êsse sentido.

O SR. BERNARDO CABRAL — V. Exa., Deputado Paulo Campos, tôdas as vêzes que intervém nesta Casa o faz com o brilho costumeiro. E. no instante em que V. Exa. participa da corrente de que se deve reformular o conceito de valor econômico, partindo, inclusive, para a transformação através do Estado, lembra — e não poderia deixar de fazê-lo — o nomadismo cultural que exerceu Karl Marx por tôda a Europa. Veja V. Exa. que o seu exercitamento tentando a execução de carta de princípios, teve de logo Engels, que era um homem rico, ajudando o companheiro teórico abraçado nesta mesma vilegiatura. Mas o conceito, então áspero, de estatização, que inspirou a ditadura do proletariado, levara o Papa Leão XIII a elaborar a Encíclica Rerum Novarum, que foi a contestação pontifícia à doutrina de Karl Marx, indicando fórmulas para a problemática do homem, numa idade política mergulhada em inquietações próprias a um episódio de cuja exegese se extraem capítulos perturbados da História. Veja portanto, Deputado Paulo Campos,

que é oportuno se faça menção de André Malraux quando diz: "os pobres são fracos; mas, por serem numerosos, acabarão por vencer os ricos." E' exatamente aí que se ajusta a intervenção do moderno escritor a um quadro conjuntural diante das distorções que se estabelecem, a negar aos humildes o direito de coexistir com os afortunados um nível de elementar ventura.

O Sr. Feu Rosa — Pior de tudo isso não é êsse quadro trágico que V. Exa. está apontando, é o distanciamento cada vez maior entre a classe política e a realidade contemporânea, não apenas no Brasil mas até no mundo. Enquanto V. Exa. aponta essa paisagem apreensiva e terrível, nós estamos aqui discutindo se o Congresso Nacional deve ser Presidido pelo Sr. Pedro Aleixo ou pelo Sr. Moura Andrade, se os municípios devem ou não entrar na área de segurança nacional, se a sublegenda deve ou não ser aprovada segundo a mensagem original ou segundo o substitutivo. Esta Casa se abalança tôda em tôrno dêsses temas e tudo que V. Exa. está dizendo fica para ser discutido e debatido na outra encarnação, se houver.

O SR. BERNARDO CABRAL — Deputado Feu Rosa, há de ficar pelo menos a presença de V. Exa. e a de tantos nesta Casa — e se me permitem eu me incluo de logo entre os que assim entendem — como prova de que não ficamos no vazio das discussões estéreis. Se alguém se preocupa em trazer o problema à discussão, pelo menos fique pairando na análise de consciência que cada um fizer do problema a consideração de que não fugiu, não desertou, não se omitiu, mas, muito pelo contrário, ocupou a tribuna, foi às ruas, tomou parte em programas de rádio e televisão para dizer ao povo brasileiro — pelo menos aquêle que teve o respaldo do voto popular e para aqui veio incumbido de defender êsse mesmo povo — que os problemas internacionais e nacionais, interdependência que eu faz a questão de registrar princípio da minha oração, não ficaram em nenhum instante à distância, à margem da discussão.

O SR. PRESIDENTE·

(Matheus Schmidt) — Está suspensa a sessão por falta de energia. *(Pausa)*.

Está reaberta a sessão. Continua com a palavra o orador.

O SR. BERNARDO CABRAL — Sr. Deputado Feu Rosa, é maior o distanciamento da realidade política contemporânea; nem por isso essa mesma realidade política contemporânea deixará de levar homens dotados de idealismo a chamar a atenção da Nação brasileira para fato da maior importância.

O Sr. Feu Rosa — Neste ponto estou de acôrdo com V. Exa. Pelo menos saibam aquêles que êste ouvirem ou dêle tomarem conhecimento, que, neste ano da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, tentamos nesta Casa advertir a consciência cívica nacional para êste problema. Procuramos cumprir o nosso dever.

O SR. BERNARDO CABRAL — Mas, Sr. Presidente, já que ainda pouco foi dito pelo Deputado Paulo Campos que se impõe numa intervenção a reformulação do conceito do valor econômico, eu não poderia deixar de inserir no meu discurso o contraponto que o Vaticano fêz à manifestação do inspirador do comunismo, ainda porque êsse mesmo Vaticano mostrou-se sensível ao complexo social dos povos. Mas, o tipo estrutural de vida então corrente não ensejou à palavra do Pontífice campo de ressonância capaz de um especial registro. A presença de Marx no âmbito de uma sociedade obscurantista proporcionou o nervosismo da expectativa para todo o arcabouço econômico então hermético às solicitações coletivas .O perigo da ruptura da ordem feudal ou pròpriamente capitalista, forçou a abertura de concessões ao trabalhador. Enquanto, já no primeiro quartel dêste século, criava-se a sociedade comunista na Rússia, que acabava de sangrar numa hemorragia nacional, tal a convulsão intestina a que Lenini presidiu, e que viera interromper a linha real de sucessão dos Tzares, os observadores compreenderam que poderia ter sido evitado o brutalismo, se aos humildes fôsse facultado alguma abertura, para a conquista do bem-estar. E o crescimento da geografia socialista deu-se na medida em que, até aqui, se registrassem as falhas no atendimento dos apelos das massas. O esfôrço ocidental de preservação de um elenco de riquezas, não deixou de exigir providências de atualização, se o im-

prescindível era salvar um patrimônio. Veja-se o exemplo da 2ª Guerra quando a execução do Plano Marshal invertendo cêrca de 12 bilhões de dólares na Europa Ocidental, evitou a sua anexação ao bloco do Kremlin.

O Sr. Renato Celidônio — Nobre Deputado Bernardo Cabral está despertando o maior interêsse êste brilhante discurso de V. Exª, já pelos apartes que recebeu, já pelo desejo de todos os Srs. Deputados de aparteá-los. Em verdade, V. Exª traz a debate um dos assuntos mais atuais para discussão. A oportunidade e excelente. E não poderia deixar de fazer um reparo ao aparte do Deputado Feu Rosa, quando diz que o poder político hoje, não se sensibiliza com êsse problema, naturalmente, feita a exceção de um debate como êste que se trava agora no Congresso Nacional. Na verdade no nosso País a insensibilidade é total por parte dos governantes,...

O SR. BERNARDO CABRAL — Perfeitamente.

O Sr. Renato Celidônio — ...mas não de parte do poder político que êste sim, está a liquidar-se em nosso País por um poder, infelizmente, militarista a pressionar a vontade dos nossos políticos que, felizmente, ainda representam tenho certeza, os verdadeiros anseios populares. Mas assunto de tamanha importância, em que se demonstra o grande sofrimento da classe menos favorecida dos pobres e dos operários, em tôda a história, em que se demonstra numa projeção, conforme o livro que V. Exª menciona, de Baad "Para o Ano Dois Mil", essa terrível dificuldade de resolver-se êsse problema social, enfrentado permanentemente pela humanidade, êsse assunto deveria hoje, com as explosões da juventude. que se verifica em todo o mundo, merecer prioridade especial por parte de todos aquêles que têm a responsabilidade do poder. Nós no Poder Legislativo, estamos debatendo tal problema. Em muitos países êle está sendo encarado com a devida seriedade. Mas no Brasil infelizmente, quando essas explosões surgem, ao invés do diálogo com a mocidade para se conhecerem as raízes e as verdadeiras razões dêsses movimentos, o que se vê é repressão policial violenta, sem a tentativa de ouvir e compreender a mocidade, que tanto tem a reivindicar hoje. Como já disse o nobre Deputado Paulo Campos em aparte, ela quer preparar-se para a vida e não para a morte. Congratulo-me com V. Exª pelo seu brilhante pronunciamento e pela feliz oportunidade que escolheu para trazê-lo à Casa.

O SR. BERNARDO CABRAL — Eu é que agradeço a V. Exª por coincidor o seu ponto de vista com aquilo que me trouxe à tribuna, ou seja, ser esta oportunidade excelente para tratar de assunto de tão grave aspecto par ao momento.

O Sr. Josias Gomes — Nobre Deputado Bernardo Cabral, primeiramente desejo louvar, a idéia de V. Exª de trazer um discurso de profundidade a esta Casa, o qual está despertando o máximo interêsse. Em segundo lugar, as mutações que se estão verificando no mundo a atitude da mocidade levam-nos obrigatòriamente àquela pergunta clássica que um grupo de planejadores dos países subdesenvolvidos faz antes de qualquer planejamento: O que será mais importante? Estar junto do céu, a caminho do inferno, ou estar junto do inferno, a caminho do céu? Porque, de acôrdo com a resposta podemos planejar, com urgência, um bem-estar fácil, mas queimaremos tôdas as perspectivas do encaminhar futuro principalmente das condições que vão permitir atentarmos para o fato de que é preciso criar uma base para que a personalidade humana e o enriquecimento se projetem, ambos, para uma evolução.

O SR. BERNARDO CABRAL — V. Exª diz muito bem porque é o próprio Baad quem acentua que nenhum planejador, pertença a que tipo de sociedade pertencer, exercera convenientemente o seu ofício se não olhar longe, para o futuro.

O Sr. Josias Gomes — O que é muito importante, neste instante é que busquemos o encaminhar que nos leve à contrução e não à destruição. A inquietação da mocidade deve apenas estimular a nossa vontade, a nossa sensibilidade, para forçar essa forma que corresponde à sociedade. Mas não vamos, evidentemente deixar que se envolva na construção de um mundo fácil. que, lògicamente, virá destruir as nossas perspectivas futuras. O importante é saber o que nos cabe ou seja, construir um mun-

do de perspectivas futuras. Embora estejamos no inferno agora, caminhamos para um bem estar futuro.

O SR. BERNARDO CABRAL — O problema que me trouxe à tribuna foi lançar o tema ao raciocínio de cada um, e vejo que o assunto caminha dentro daquela perspectiva que eu traçava, tal a receptividade que ia encontra na mente dos eminentes Deputados.

O Sr. Antonio Bresolin — Nobre Deputado, felicito V. Exª pelo magnífico discurso que está pronunciando. Estamos acostumados a ouvir o eminente colega falando sempre com brilhantismo mas hoje V. Exª esta focalizando em base solidas, um problema fundamental, que foge, inclusive, às fronteiras do País: é o drama universal na síntese de um maravilhoso discurso. Quero dizer a V. Exª que os problemas que estão sendo discutidos no tema da sua magnífica oração só os encontrei com largueza de visão, com a amplitude que me encheu o coração e alma — inclusive de encantamento, porque me aprofundou nesta matéria, — nos livros "Geopolítica da Fome" de Josué de Castro, "O Drama Universal do Seculo XX" do Padre Lebret, e "O Drama Universal da Fome", uma coletânea de artigos dos maiores escritores do mundo inteiro, documentando essa importante matéria. E o que V. Exª focaliza e foi confirmado através dos pronunciamentos dos eminentes colegas que apartearam V. Exª desta tribuna, é precisamente aquilo que estamos observando nos dias que correm. É a ruptura das velhas estruturas, a decolagem para rumos diferentes mas com a segurança dos homens de larga visão, como o vôo alcandorado das águias. E nós podemos encontrar muitos dos princípios basilares para esta decolagem dentro dêsse outro majestoso livro tão lido nos dias que correm, que é "O Desafio Americano".

O SR. BERNARDO CABRAL — De Jean Jacques Schreiber.

O Sr. Antonio Bresolin — Encontremos, no fundo de tudo isso, como base para esta arrancada a educação, fundamento sôbre o qual se deve alicerçar o empreendimento para o qual todos estamos sendo convocados.

O SR. BERNARDO CABRAL — Deputado Antônio Bresolin, veja V. Exª o quanto vale a pena receber um aparte de um gaúcho, quando outro gaúcho, na Presidência com êsse ar de deputado voltado para os problemas nacionais e internacionais, acompanha, para desvanecimento de todos, com maior interêsse os discursos e os apartes de quantos aqui se pronunciaram.

Ouço o nobre Deputado Floriano Rubim.

O Sr. Floriano Rubim — V. Exª, nobre Deputado Bernardo Cabral, que é uma das principais figuras da nossa Comissão de Segurança Nacional...

O SR. BERNARDO CABRAL — Muito obrigado a V. Exa.

O Sr. Floriano Rubim — ... aborda um assunto de palpitante interêsse nesta hora. O Brasil, como a primeira nação latina do mundo, como uma das primeiras em extensão territorial e como a oitava nação do mundo em população, deve preparar-se para estar em condições de receber essa nova era, para a qual a humanidade caminha aceleradamente. Nobre Deputado Bernardo Cabral, a minha opinião e de que o Brasil, com essa sua imensa área despovoada, com êsse seu solo privilegiado, com as condições favoráveis de seu clima, desperta interêsse todo especial e está hoje como prêsa fácil, à mercê dessa voragem, dêsse turbilhão que há de vir amanhã sôbre nós, se não estivermos devidamente aparelhados e ocupando fisicamente todo o nosso interior, povoando-o, cultivando-o, preparando o Brasil para essa ocasião. Apresentei um projeto, já do conhecimento de V. Exa., redistribuindo as áreas do Brasil, criando novos territórios, levando uma autoridade efetiva para essas regiões, criando novos Estados — e V. Exa. já teve o ensejo de me dizer da oportunidade dêste projeto. Acho que devemos fazer tudo ao nosso alcance, exercitar um esfôrço supremo para preparar o Brasil a fim de que, na época em que todos êsses problemas econômicos e sociais começarem a ficar intoleráveis nessas áreas superpovoadas, o Brasil possa estar em condições de enfrentar essa situação, sem ser prêsa fácil repito, dessa voragem, dêsse turbilhão que ha de cair sôbre nós.

O SR. BERNARDO CABRAL — Agradeço a V. Exa., mormente porque V. Exa. acaba de fazer uma viagem pelo mundo, visitando vários

países, e pôde observar o que está a ocorrer em têrmos de prosperidade industrial lá fora. O depoimento de V. Exa. é dos mais oportunos. Ouço com prazer o aparte do Deputado Brito Velho.

O Sr. Brito Velho — Eu queria com o aparte prestar-lhe minha homenagem. E o aparte vai consistir em dizer que não o apartearei porque, realmente, estou interessadíssimo em ouvi-lo.

O SR. BERNARDO CABRAL — Deputado Brito Velho, V. Exa. em todos os apartes que tem dado nesta Casa, quer quando usa o seu poder de síntese, como neste de ainda há pouco, quer quando emite conceitos os mais avançados, encanta todos. E impressionante como um homem da categoria de V. Exa. pode fazer um discurso-símbolo num pequeno aparte.

O Sr. Brito Velho — Obrigado a V. Exa.

O SR. BERNARDO CABRAL — Mas, Sr. Presidente, falava-se, ainda há pouco, na prosperidade industrial e, dentro do histórico, ou — como dizia um meu velho amigo e mestre, o saudoso Ministro Valdemar Pedrosa — dentro de uma "prelusão" histórica, gostaria de lembrar que os Estados Unidos, ao atingir o vértice de sua prosperidade industrial, quando podiam, mais do que no último apos guerra, prestar fecunda colaboração aos países econômicamente deprimidos, não deram ainda dimensão positiva à Aliança Para o Progresso, instrumento de promoção do bem-estar continental instituído pelo chorado mártir de Dallas, e insistem no desdobramento de um programa irracionalmente delineado, sem nível para silenciar a angústia em progressão que tortura os corações latino-americanos. Tanto que, com a resistência de notáveis expressões do Senado dos Estados Unidos, ainda se trata de negar ajuda ao Hemisfério Sul de 4 bilhões de dólares, enquanto se libera, simultâneamente, ao Vietnam um bilhão de dólares mensais, no financiamento de uma conflagração que prevê a expansão de fronteiras políticas, a título de resguardo de uma posição antitotalitária no Extremo-Oriente.

O SR. PRESIDENTE:

(*Matheus Schmidt*) — Nobre Deputado, lamento informar que V. Exa. dispõe de cinco minutos para concluir sua oração.

O SR. BERNARDO CABRAL — Por lástima, o mundo moderno pode ser julgado um museu de gozadores, quase sems, diante da perspectiva do tempo, ou um viveiro de estadistas cegos, que não souberam vislumbrar e atentar para a injustiça social que aí está mais do que nunca golpeando contingentes oprimidos pela miséria, e devem ser identificados como grandes reus, expostos a condenação de tribunais situados na faixa da posteridade. Pitagoras já prevenia aos maus que, "Se sofreres uma injustiça, consola-te. A verdadeira desgraça é cometê-la."

Sr. Presidente, peço permissão a V. Exa. para ouvir o Deputado Jonas Carlos, que sempre encanta a Casa com seus apartes. Eu não me poderia furtar a essa alegria.

O Sr. Jonas Carlos — Nobre Deputado Bernardo Cabral, não vamos tomar o precioso tempo de que V. Exa. dispõe, porque realmente está esgotado. O nosso aparte consiste apenas em solidarizar-nos com V. Exa. pelo brilhante discurso que está pronunciando nesta Casa.

O SR. BERNARDO CABRAL — Obrigado a V. Exa.

Sr. Presidente, tantas são as solidariedades que, ao concluir, não poderia deixar de registrar, no capítulo pertinente a Homens de Estado, Paulo VI, na Encíclica "Populorum Progressio", quando adverte, com um brilho evangélico:

"Homens de Estado, incumbe-vos mobilizar as vossas comunidades para uma solidariedade mundial mais eficaz e, sobretudo, levá-las a aceitar os impostos necessários sobre o luxo e o supérfluo, a fim de promoverem o desenvolvimento e salvarem a paz. Delegados às o r g a n izações internacionais, de vós depende que perigosas e estéreis oposições de fôrças dêem lugar à colaboração amiga, pacífica e desinteressada, a favor de um desenvolvimento solidário da humanidade, onde todos os homens possam realizar-se."

Antes, porém, no período referente à Reforma, o Papa sentencia, de início:

"Desejaríamos ser bem compreendidos: a situação atual deve ser

enfrentada corajosamente, assim como devem ser combatidas as injustiças que ela comporta. O desenvolvimento exige reformas audaciosas, profundamente inovadoras."

Aqui, V. Exa., Sr. Presidente, ouviu quando se teceram considerações em torno do mundo subdesenvolvido. No entanto, neste mesmo mundo há um fermento político irrepresável. A América Latina mostra as cúpulas governamentais da terra os ângulos de um espetáculo selvagem, onde as massas sociais são coagidas pela cupidez de oligarquias que, por serem tão superadas, equivalem a um velho ossário político.

O Brasil não deixa de ser um latifúndio nacional, e se espraia na imagem de um mapa humano desenhado pelo pauperismo. As jazidas minerais convenientemente inacessíveis, em termos genéricos, e os escalões de gente descalça e de faces cavadas pela pobreza, compõem a amarga comédia da contradição.

Êsses surtos insurrecionais, cuja opacidade doutrinária lhes proscreve qualquer validade no processo de emancipação do homem, são passíveis da nota zero, na triagem da História. Insinua-se, às vêzes, parar um povo, sem atentar-se para a circunstância assustada e nervosa de que as peias podem rebentar num instante de passionalismo biológico, e então, anda-se muito mais sob a vertigem da velocidade no caminho político. Há instrumentos geradores de fortuna concentrados na área meridional, apesar do absolutismo da assistência à categoria dos trabalhadores. Mais de dois têrços do País, no entanto, ficam vitimados por um imperialismo interno, êsses mesmos dois têrços que o Deputado Paulo Campos salientava no seu aparte. E a minha região, e a Amazônia? Mesmo considerando-se os paliativos da chamada solidariedade do erário estatal, como o Nordeste, posto em igual plano de pseudo-ajuda, compõe a geografia envergonhada. Arbitràriamente apartadas do conjunto físico-social, essas áreas erguem o horror telúrico pelo desaprêço oficial. E note-se o caso da Hiléia: é um exemplo, em que ímpias mãos estrangeiras profanam as nossas riquezas nativas, nos aviltam com uma sensação falsa de propriedade.

Em conjunto, Sr. Presidente o caso brasileiro encharca-se no ódio sicário de uma minoria que não está à altura de levar êste país para o seu rumo certo para o comércio que deve existir da nossa comunidade nacional com os demais países. E por isso, relembrou-se ainda na pouco aqui o problema dos jovens que se revoltam, esse mesmo poder jovem que ora rebenta na Alemanha, com um moço quase imberbe, provocando uma celeuma terrível, ora na França, com um jovem de 23 anos, que procura derrubar o grande De Gaulle como se houvesse patenteado para o mundo inteiro êste distanciamento, êste conflito permanente de gerações.

E se nêle, nesse poder jovem, inexiste o conceito da rotatividade dos mandatos eletivos, sem opressão e sem o terrorismo das organizações secretas, sente que vai vencer pelo simples fatalismo biológico. Os inautênticos inquilinos desta República estejam onde estiverem, dentro ou fora do Govêrno, desta mesma República desfigurada, estão envelhecendo, enquanto a juventude lúcida, interpreta no atual elenco político um corpo de energias plenamente alcançadas pelo resíduo reacionário.

Mas Sr. Presidente, haverá a festa do encontro. O encontro dos jovens com o amanhã próximo (*Muito bem. Muito bem. Palmas prolongadas*). *O orador é cumprimentado.*)

Departamento de Imprensa Nacional — Brasília — 1968

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura